

LEITURA E LEITORES – PROCESSOS HISTÓRICOS E JOVENS MODERNOS.

ANA CAROLINA SIQUEIRA VELOSO (UERJ / CNPQ).

Resumo

Leitura, literatura, livros são vocábulos amplamente disseminados na sociedade contemporânea. Inculcam valores, modelam sujeitos de modo quase imperceptível. Esquecemos, na era da globalização, que práticas que hoje são consideradas normais e até banalizadas nem sempre existiram. Concebendo a leitura como prática histórica, cultural e social e em diálogo com estudiosos que desenvolvem pesquisas relacionadas à história da leitura, como Chartier (1996, 2003, 2004) e Darnton (1986, 1992, 1995), este trabalho busca investigar representações em torno de práticas de leitura que foram se modificando ao longo da história, a ponto de serem consideradas hoje como ações. Outro objeto a ser estudado é a juventude e o que diz respeito a essa categoria social. Conforme adverte Groppo (2000), podemos percebê-la como grupo social autônomo, com forte influência nas sociedades contemporâneas. Assim, para analisar os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários referentes à pesquisa “A Leitura dos Jovens: Concepções e Práticas” (UERJ/CNPQ), da qual faço parte, fez-se necessário uma breve incursão na história sobre a trajetória das práticas de leitura desde as sociedades ocidentais modernas até o cenário social estudado. Esse processo de reflexão tornou possível o levantamento de hipóteses, como, por exemplo, de que esses jovens não tenham “coragem” de se afirmarem leitores e de que suas idéias de interdição, associadas à “qualidade” dos livros e à formação do leitor ideal, sejam reproduções veladas de concepções históricas disseminadas nas instituições escolares.

Palavras-chave:

Leitura, Juventude, Escola.

Estou à procura de um livro para ler. É um livro todo especial. Eu o imagino como a um rosto sem traços. Não lhe sei o nome nem o autor. Quem sabe, às vezes penso que estou à procura de um livro que eu mesma escreveria. Não sei. Mas faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim. Eu o estaria lendo e de súbito, uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!

Leitura, literatura, livros são vocábulos com os quais nos esbarramos em nosso dia-a-dia e, na correria, inculcam valores, modelam sujeitos sem que percebamos. Esquecemo-nos, nesta era de globalização, que práticas hoje tão normais e banalizadas nem sempre existiram. As práticas de leitura, por exemplo, não foram sempre as mesmas; as bibliotecas nem sempre foram, se é que realmente são, abertas ao público, os estudantes nem sempre puderam ler sozinhos nem tampouco tocar os livros....

Destaco, neste breve estudo, três fatos históricos que modificaram a relação entre os indivíduos e a leitura. Primeiro, a Reforma Luterana, iniciada no século XVI por Martin Lutero, que visava o ideal de popularização e livre interpretação dos textos bíblicos, possibilitada pelo segundo fato a ser destacado, o advento da Imprensa por Gutenberg, que ocorreu por volta de 1450-1455 e acelerou o processo de divulgação de textos escritos, antes realizada através das vagarosas cópias manuais. Por último, e não menos importante, as revoluções burguesas, e o consequente aumento da escolarização de indivíduos. A economia sustentada em grande parte pela agricultura passou a ser alimentada pelo comércio; o modo de produção manual foi sendo substituído, e habilidades antes centralizadas nas classes nobres, como a escrita e a leitura, fizeram-se necessárias aos novos trabalhadores. De modo acanhado, os jornais, os livros, e outros suportes textuais passaram a circular com mais intensidade nas ruas e a construir uma relação mais íntima com os leitores.

Durante essa passagem de tempo, as práticas de leitura sofreram grandes transformações quanto à modalidade física (CHARTIER, 1994). A ascensão da leitura silenciosa permitiu uma leitura mais rápida e próxima dos leitores para com os suportes textuais. Apesar disso, a leitura oralizada, que demandava um tempo maior e uma postura corporal específica à declamação e à escuta, característica das sociedades com forte sentimento comunitário, ainda pode ser encontrada nos sociedades modernas. Petit relata que na sociedade francesa rural "diferentes gerações evocavam espontaneamente recuerdos de lectura coletiva, en voz alta, en el médio familiar..." (PETIT, 1999: 20), comprovando que as transformações históricas não se dão de forma linear.

Essas mudanças não podem ser analisadas separadamente das transformações no próprio estilo de leitura. A leitura intensiva, caracterizada pela memorização, por exemplo, vai sendo substituída pela leitura extensiva.

Nos estudos de Chartier (1994) encontramos esses conceitos ampliados:

O leitor *intensivo* é confrontado com um *corpus* limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor transmitidos de geração a geração(...) O leitor *extensivo*, o da *Lesewut*, da ânsia da leitura que toma conta da Alemanha no tempo de Goethe, é um leitor totalmente outro: ele consome muitos e variados impressos; lê-los com rapidez e avidez, exerce em relação a eles uma atividade crítica que, agora, submete todas as esferas, sem exceção, à dúvida metódica. (p. 189)

Compartilhando com as idéias de Chartier (2006) e demais intelectuais que compreendem a leitura como uma prática histórica e social, identificamos alguns desses elementos relativos às práticas de leitura nos estudos realizados no interior da pesquisa *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas*, tentando sempre

desnaturalizar conceitos e lembrar as transições, explicitadas com clareza e brevidade na seguinte fala de Petit (1999) :

Entre esa época en la que unos cuantos controlaban el acceso a los textos impresos y sacaban de ellos fórmulas para inculcar a los demás, sometidos y en silencio, una identidad religiosa o nacional, y esa otra época en la que se "toma" un libro, en que se apropria uno de el, en que se encuentran palabras, imágenes a las que se les asignan significados al gusto de cada quien. (p.21)

Não entanto, seria ingenuidade nossa presumir que essa popularização da leitura tenha restringido o poder das palavras e dos livros sobre as pessoas. Nossa sociedade, mesmo tão inovadora e moderna, não superou a divisão dos indivíduos em classes e continuamos vivendo da exploração de uma classe sobre a outra. (FRIGOTTO, 2005). Essa subjugação é também ideológica, se não é esse seu caráter mais forte. Legítima uma cultura como modelo, correta, e essa lógica é a construída pelos sujeitos das classes dominantes. Se lembramos que as práticas de leitura são parte da "cultura" humana, é fácil entender porque uma de suas práticas é mais valorizada que as demais e porque elas se submetem a juízos de valor. Segundo o autor (ABREU,2009):

(...) tomando-se como modelo de leitura e tomando os livros que lêem como modelos de livro, inferiorizam os demais leitores, tidos como ingênuos despreparados ou, simplesmente, não-leitores. O prestígio social destes profissionais faz com que sua opinião seja tida como a única verdadeira, fazendo com que as pessoas sintam-se diminuídas por não lerem os livros certos, da maneira correta. (P.60)

Hoje, esse controle é sutil; o poder sobre os leitores é mascarado, os indivíduos têm a liberdade de escolher "bons" livros e interpretá-los da maneira "correta". Dessa forma, é imprescindível nos indagarmos quando ouvimos discursos de que "as pessoas não gostam de ler" e "os jovens não se interessam por leitura". Não leem o que? Não gostam de que tipo de leitura? Parece-me que, ao falarmos e pesquisarmos sobre este assunto, é preciso, como diz o compositor Jay Vaquer, pedir que nos digam "a medida e quem mediu."

Admitindo a individualidade de cada um, torna-se clarividente a existência de diferentes sujeitos, de posse de diversos conceitos, mesmo que participantes de uma mesma sociedade. Petit (1999) alerta aqueles que pretendem dominar seus leitores, esclarecendo que esses se apropriam dos textos, interpretando à sua maneira e imprimindo novos significados conforme seus desejos. Do mesmo modo, Bourdieu aponta a contradição em que vive o mercado editorial, onde, por mais que o livro seja direcionado a um público, "ele deve circular, deve ganhar extensão, o que significará apropriações mal governadas, contra-sensos, falhas na relação entre o leitor ideal". (BOURDIEU, 2006: 245)

Assegurando a diversidade de leitores, temos de garantir o mesmo direito aos autores e conseqüentemente aceitar os mais variados estilos textuais, sejam eles escritos ou não escritos, poemas, canções, quadros, charges, manuais, novelas, artigos científicos. Cada um deles solicita diferentes ritmos, pronúncias, rituais, enfim, diversificados modos de leitura. Contudo, nem todos os estilos textuais citados no parágrafo acima são bem-vistos em nossa sociedade.

Pesquisas realizadas recentemente, como *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. (2008), mostram que, para a instuição escolar, ou melhor, para quem a representa, diretores, gestores e

professores, a leitura está diretamente ligada à compreensão dos textos escritos: "(...) a pessoa que sabe ler e escrever é aquela pessoa que sabe dizer o que leu ao acabar a leitura, porque o bom leitor é aquele que lê e compreende, se ao final da leitura você não conseguiu compreender aquilo que você leu (...)" (PNBE, 2008: 85)

Bourdieu critica essa concepção, ressaltando que nem todo texto precisa ser interpretado: "Pensamos que ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos são feitos para serem lidos nesse sentido." (BOURDIEU, 2006: 234).

Outras vezes, os conceitos (corpo docente e administrativo) são ainda mais fechados, conferindo a essa prática um caráter instrumental. Não raro, afirmam que a leitura serve para desenvolver a escrita e a fala correta:

Ler é fundamental. Só escreve bem quem lê muito. O aluno que lê, a gente percebe logo, eles sabem conversar sobre qualquer assunto, se eles lêem, e é sempre o que eu digo pra eles, porque pra você fazer redação... (Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras, 2008, p. 84)

Supomos a esta altura do texto, já termos elementos suficientes para pensar quais os estilos textuais privilegiados. Os textos têm que apresentar, dentre outras propriedades, algo a ser descoberto pelo leitor, deve requerer a compreensão deste e incentivar melhoras em sua escrita e fala, oferecendo diferentes construções textuais e aumentando seu vocabulário. Será que os quadrinhos se encaixam nessa descrição? E as propagandas? Deduzo que os "bons" estilos textuais são os textos científicos, os quais demandam um raciocínio do leitor e os textos literários considerados eruditos, onde encontramos vocábulos sofisticados e distantes do nosso dia-a-dia.

Parece-nos que os "bons" textos são bastante restritos, o que, a meu ver, explica os discursos que proclamam o descaso dos sujeitos para com a leitura. Levando-se em consideração esse limitado número de alternativas, é bem possível o extenso quantitativo de não- leitores. Perguntamo-nos se as outras leituras fossem legitimadas e "permitidas" em nosso círculo social não encontraríamos inúmeros leitores. Citamos Bourdieu, pois é essencial que, como pesquisadores, estejamos atentos aos "efeitos de legitimidade" nas respostas colhidas em campo. Não podemos esquecer de que "desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende: que é que eu leio que merece ser declarado? Isto é: que é que eu leio de fato de literatura legitimada?" (BORDIEU, 2006: 236)

Tentando ir contra a maré, nossa pesquisa vem trabalhando uma concepção de leitura compartilhada com Michéle Petit (1999), aquela em que a leitura trabalha, molda, transforma e permite a transformação do leitor, que entende esse sujeito vivo, cidadão, que faz sua leitura além do papel, mas a partir de suas vivências, o que acreditamos seja a forma legítima de conduzir essa prática.

No estudo *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas*, temos por objetivo examinar as imagens e os discursos disseminados sobre a relação do jovem com a leitura pelos órgãos governamentais em contraposição às práticas de leitura efetivas realizadas por jovens no cenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Durante a primeira etapa de nossa pesquisa, selecionamos uma escola pública de formação de professores e formação básica, localizada no bairro do Jardim Botânico, zona sul da Cidade do Rio de Janeiro. Esta instituição logo despertou o

interesse dos pesquisadores, pois além de conhecermos a prática de leituras realizadas pelos jovens, tivemos a oportunidade de analisar práticas de colegas de profissão e também futuros professores. Além disso, o grupo foi incentivado a desenvolver a pesquisa nesta escola específica pela "grande carência em termos de projetos de leitura", conforme depoimento da supervisora lotada na Metropolitana 10.[1]

Foram aplicados no primeiro semestre de 2008, duzentos questionários, restringindo a sua aplicação aos alunos do curso de formação de professores, tanto no turno da manhã quanto no turno da tarde. Procurou-se cobrir o maior número possível de alunos que aceitaram participar da pesquisa no contexto das salas de aula, assim como em algumas situações diferenciadas como tempo vago e recreio. Nosso intuito com a variação do local de aplicação dos questionários foi tentar perceber se esses jovens e suas respostas recebiam as influências dos diferentes espaços.

Feitas tais observações, retornamos à fala dos jovens e suas concepções de leitura. Através do campo *Trajetória de Leitura*[2], registrado no questionário elaborado no âmbito da pesquisa, almejamos perceber os gostos desse jovem em relação à leitura e quais as suas idealizações acerca do que seja um leitor.

A seguir, indicamos uma das questões que mais nos auxiliaram nessa investigação e os dados a ela relacionados:

1) Você se considera um leitor? Explique o porquê.

A maioria dos jovens participantes da pesquisa (52%) considera-se leitores e suas respostas destacaram a relação entre o leitor e a prática da leitura ligada ao prazer, o que nos parece legítimo ou coerente com as respostas, já que a totalidade dos que se consideram leitores assegura ler em seu tempo livre.

Esse cruzamento de informações é derivado das respostas obtidas na questão anterior e na questão nº 3 do *Campo Sócio- Cultural ANEXO 1*, por meio das quais buscamos visualizar o espaço da prática de leitura em meio à vivência cultural do aluno:

Veja o gráfico ANEXO 2 que sistematiza essas informações:

É importante destacar que, para efeito de análise, nosso grupo tomou a liberdade de unir neste gráfico os jovens que se consideram leitores (52%) e aqueles que se demonstraram inseguros (13%) para tal afirmação. Isso porque falas como "Mais ou menos...", "eu leio, mas não sei se sou um leitor..." nos pareceu "efeito de legitimidade" (BOURDIEU, 2006) e traduziram-se para o grupo como : "eu acho que sou leitor, mas não sei o que você pensa sobre o que é um leitor..." Desta forma, o gráfico parece ir contra as afirmações anteriores: "a totalidade dos que se consideram leitores assegura ler em seu tempo livre", mas essa ponderação não é válida, já que esses dados também incorporam as práticas dos "indecisos" , por nós considerados leitores.

As práticas de leitura mais citadas pelos jovens leitores nas seguintes questões do *Campo Trajetória de Leitura ANEXO 3*:

2) Atualmente o que você está lendo? Especifique o estilo textual.

Destaca-se a leitura dos gibis, mangás[1], jornais (com ênfase nos cadernos esportivos) e textos literários (com destaque para as poesias). Esses dados coincidem com os obtidos na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, o que indica que esse talvez seja um perfil do jovem leitor brasileiro.

O que significou uma surpresa para nosso grupo se confirma com a análise dos dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), os jovens brasileiros (11 a 24 anos) apreciam a poesia. Mesmo que nos pareça um estilo literário erudito e que, a primeira vista, nada tenha a ver com os outros citados, a poesia parece ir ao encontro dos mangás, por exemplo, por fazer "pensar fora de si", "você pensa assim como se estivesse na história", como relatam alguns jovens à pesquisa nacional.

As revistas em quadrinhos aparecem não só como uma prática de leitura, mas como um dos estilos responsáveis pela formação de leitores brasileiros, pena que sejam tão desvalorizadas. Consideramos que essas práticas que fazem sonhar, rir, chorar, escolhidas pelos jovens em geral, estão relacionadas com o conceito de Petit, segundo o qual, a leitura afeta o leitor, faz aflorar seus sentimentos, pois a pesquisadora assinala que "desde la infância, la lectura pudo de esta manera constituir para estos jóvenes el espacio de apertura del campo de lo imaginario" (PETIT, 1999: 76).

Notamos que os jovens buscam um livro que os envolva, que trate dos assuntos do seu cotidiano ou que auxiliem na construção de sua identidade. Assim como Clarice Lispector, os jovens demonstram procurar a si mesmo durante suas leituras, também estão em busca de "um livro que ela mesma escreveria", textos onde possam encontrar "palabras que expresan lo más secreto, lo más íntimo que hay en nosotros." (PETIT, 1999: 76).

As concepções tratadas até aqui correspondem aos jovens que se consideram leitores. E o que pensam aqueles que não se percebem leitores? O que muito nos chamou a atenção foi o fato daqueles que não se consideraram leitores também declararem a leitura nas horas livres, como podemos verificar no gráfico ANEXO 4 a seguir:

Surpreende-nos que os "não-leitores", em sua maioria, leiam nas horas de lazer e declarem sua prática baseada sobre os mesmos suportes que os outros jovens. É possível levantar a hipótese de que esses jovens não tenham "coragem" de se afirmarem leitores. O medo, ainda existente, de ser leitor e a idealização destes por parâmetros escolares e sociais ficaram claros em suas falas "isso não é boa leitura". Os jovens deixaram escapar que não eram leitores porque não liam a quantidade e qualidade necessárias.

Desconfiamos que essas idéias associadas à "qualidade" sejam reproduções veladas das concepções disseminadas nas instituições escolares. Não podemos constatar essas hipóteses, mas essas respostas nos parecem indícios de falas como as obtidas na pesquisa do PNBE (2008). Os jovens entrevistados descreveram a leitura como fonte importante de informação, "arma" para o progresso educacional, sendo sua principal meta a formação intelectual dos indivíduos e consequentemente sua ascensão social, "um futuro mais digno."

O mesmo ocorreu durante a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. O maior índice de leitura entre 11 a 17 anos de idade foi a dos livros didáticos e 69% dos entrevistados relacionam a leitura ao valor de conhecimento. Em nossa pesquisa, os livros didáticos também foram citados inúmeras vezes, principalmente nas respostas á seguinte questão:

3) Atualmente o que você está lendo? Especifique o estilo textual.

A instituição escolar, que devia formar o cidadão em todas as suas potencialidades, respeitando-se as diferentes culturas, não vem funcionando como devia no que diz respeito às práticas de leitura. Enfrenta problemas que vão dos espaços físicos aos mediadores. A escola em que realizamos nossa pesquisa de campo, por exemplo, não tem bibliotecário e "por isso" a biblioteca encontra-se fechada desde novembro do ano de 2007.

A formação de profissionais "dos livros" parece estar em decadência. Os bibliotecários não estão preparados para a mediação em um espaço educativo, e voltam-se cada vez mais para empresas e trabalhos com grandes arquivos. Do mesmo modo, os professores não se sentem seguros nesse espaço.

As tentativas do governo no auxílio à formação desses profissionais são descontínuas e superficiais. Acreditamos que um exemplo da descontinuidade desses projetos é mais do que suficiente. A revista *LeituraS*[1] editada pelo MEC que tem como objetivo levar "aos professores, dirigentes, bibliotecários e outros profissionais experiências, propostas de trabalho, entrevistas e opiniões que possam contribuir para o desenvolvimento de sua prática leitora e para o exercício de sua função como mediador de leitura"(MEC, 2005: 29) é uma excelente proposta. "A revista, com periodicidade quadrimestral..." foi lançada em 2006 e até hoje não teve nenhuma outra publicação, falhou! Os professores ainda esperam a troca de experiências e as proposta bem-sucedidas! Uma das entrevistadas ressalta que o livro na maioria das escolas brasileiras "vai para uma pseudo-biblioteca e ali ele é entulhado e pronto, foi cumprida a missão dele." (PNBE, 2008, P. 87)

As pesquisadoras do projeto PNBE (2008) criticam a idéia de que basta ter o livro na escola. Relataram falas bastante recorrentes: diretores proclamam a existência desse espaço e enunciam que a biblioteca é a alma de sua escola. E deveria. No entanto, verificamos em muitos casos o descuido e a indiferença para com esse espaço. Muitas vezes, a metáfora da alma - biblioteca é acompanhada por um corpo imóvel, tetraplégico. A alma - biblioteca borbulha de idéias, transborda de possibilidades, está toda preenchida de um poder ser, que não é. Seus membros - professores e alunos - mesmo que aptos ao trabalho e dispostos a realizar as idéias que surgem desta alma, não recebem os estímulos necessários do governo ou não encontram a parceria dos diretores. Assim, mesmo que ambicione a efetivação de muitos projetos, nada pode sem que o corpo docente- administrativo o acompanhe.

Supomos, então, que mesmo que este seja o local vinculado à tal proposta, realmente muitas escolas como hoje se apresentam não podem formar leitores. Trancam-se bibliotecas e salas de leituras, não há profissionais qualificados para a função e ainda recrimina o que o jovem busca por conta própria. parece-nos que o intuito dessas escolas não é a formação, mas, como indica Petit , "una lectura que permita delimitar, moldear, dominar a los jóvenes." (PETIT, 1999: 16).

Essas e outras barreiras um leitor pode enfrentar em sua formação. Com o passar do tempo, as crianças, encantadas com as primeiras leituras, ansiosas para ouvir uma nova história, vão se transformando em jovens cheios de afazeres, nervosos com o vestibular e que não podem perder tempo com leituras "inúteis".

Substituindo a instituição escolar, a família aparece como grande incentivadora dos jovens leitores. Verificamos que o incentivo independe da classe econômica da família, ou melhor, depende de uma maneira contrária ao esperado. Os jovens de famílias com menor recurso financeiro são os que mais indicam o incentivo familiar,

provavelmente pelo fato de que a leitura, para eles, esteja diretamente ligada à aquisição de conhecimento, ao aprimoramento da escrita e da fala, uma possibilidade de ascensão. Verifica-se, portanto, que os jovens cariocas e suas famílias se distanciam dos jovens franceses pesquisados por Petit (1999). A estudiosa relata, várias vezes, que, em sua passagem pelos campos Franceses, se deparou com famílias reclamando do distanciamento de seus integrantes por culpa da leitura, "en nuestra época, mientras uno lee, se retira del grupo, se aparta, está distraído, em el sentido más fuerte de la palabra, separado." (PETIT, 1999: 110)

Essa prática parece ser vista como uma traição à cultura local, onde o mais importante não é o indivíduo, mas a comunidade. A antropóloga relata que, algumas vezes, esse jovem faz sua leitura às escondidas; precisa fugir dos olhares alheios, lê "a la luz de una linterna, bajo las sábanas, incluso a veces bajo el simples rayo de luna!" (PETIT, 2007:111)

O exemplo acima nos mostra que a leitura nem sempre é bem-vista. As concepções a ela relacionadas dependem da cultura em que o sujeito está inserido. Assim, mesmo que compactuemos com a existência de um ideal de leitura e leitor, temos que compreender que cada sociedade construirá um ideal diferente.

Referências

ABREU, Márcia. Prefácio: percursos da leitura. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. - Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. *Política para a formação de leitores. Uma proposta pedagógica*. Documento preliminar. Brasília: MEC, 2005, 22p. (mimeo).

BRASIL. Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2008

CHARTIER, Roger.(org) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. *Do código ao monitor: A trajetória do escrito*. In: Estudos Avançados, v.8,n.2,1994. p.185-199.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. *O trabalho como princípio educativo no projeto de Educação integral de trabalhadores*. In: COSTA, Hélio da CONCEIÇÃO, Martinho da. (Orgs). *A Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e certificação Educacional e Profissional*. CUT/ Escola Sindical São Paulo, 2005.

PAIVA, Aparecida... [et al.] - *Literatura na infância: imagens e palavras* Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: Brasília / UFMG: Belo Horizonte; Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2008.

PETIT, Michèle. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999

SILVA, Márcia Cabral da. *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas (Projeto de Pesquisa)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

VELOSO, Ana Carolina. *Relatório Parcial da Pesquisa- A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas*- Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CNPQ - Rio de Janeiro, 2006.

www.mangasjbc.uol.com.br - Acesso em: 20/05/09

[1] A revista *LeituraS* consiste em uma publicação feita pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, produzida pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental/COGEAM e financiada pelo Projeto da Unesco.

[1] Mangá é o nome dado às histórias em quadrinho de origem japonesa. Os mangás se diferenciam dos quadrinhos ocidentais não só pela sua origem, mas principalmente por se utilizar de uma representação gráfica completamente própria... A ordem de leitura dos mangás também é diferente daquela que estamos acostumados. Um livro japonês começa pelo que seria o fim de uma publicação ocidental. Além disso, o texto é disposto da direita para a esquerda. (Jornal do Brasil online - mangasjbc.uol.com.br)

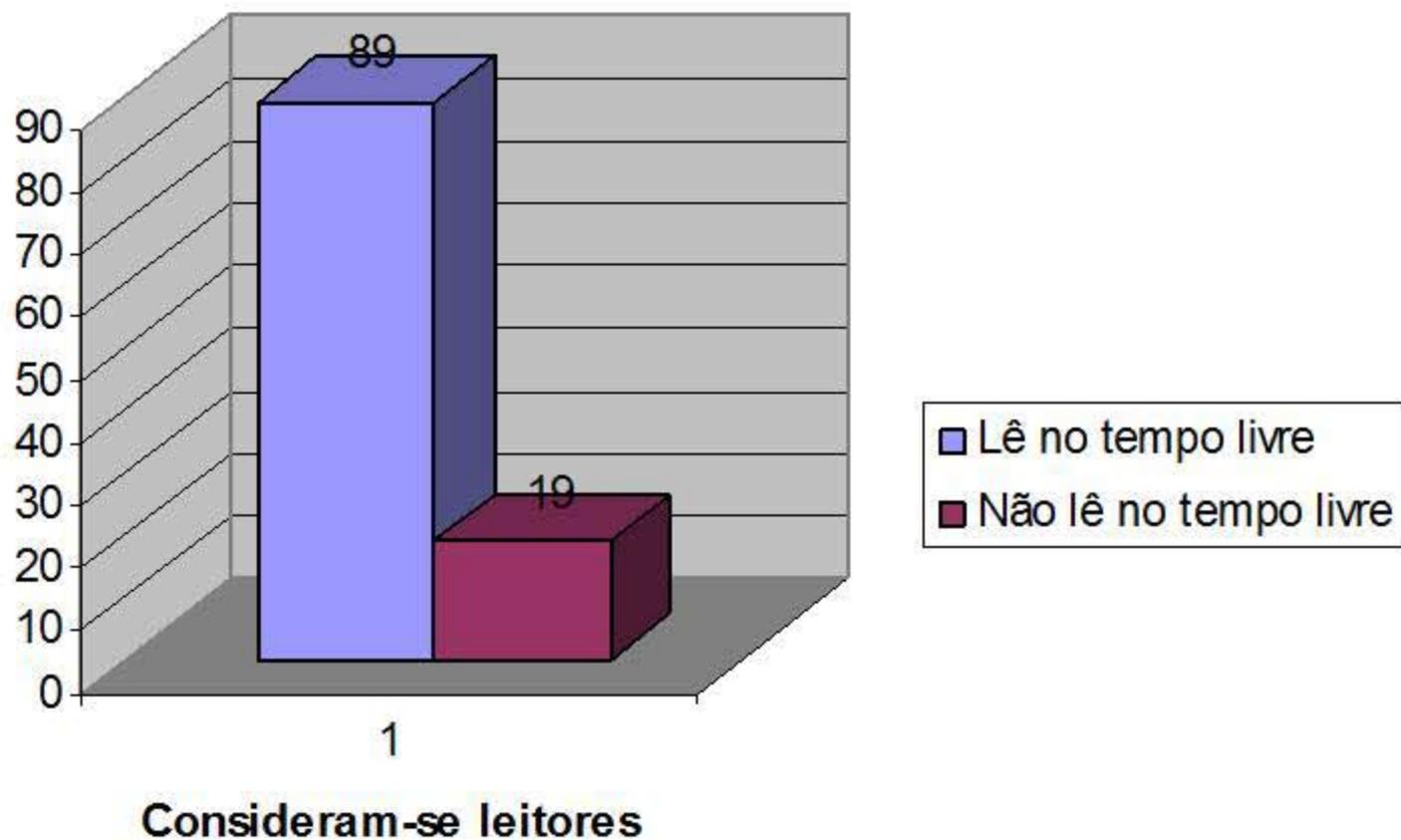
[1] As escolas da rede estadual de ensino são supervisionadas por instâncias ligadas ao nível central denominadas metropolitanas. A escola pesquisada, na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, encontra-se sob a supervisão da Metropolitana 10.

[2] Subdividimos o questionário nas seguintes áreas temáticas: campo sócio-econômico, campo sócio-cultural, trajetória escolar, **trajetória de leitura**. Pretendemos com essa divisão facilitar a análise das respostas dos jovens, contidas nos questionário, obtendo dados que auxiliem a identificar as formas de apropriação realizadas pelos jovens leitores dentro e fora do espaço escolar. (VELOSO, Ana Carolina - Relatório Parcial da Pesquisa-A **Leitura do Jovem: Concepções E Práticas**. 2008, p. 08)

3- Marque apenas UMA opção em cada linha.

Em seu tempo livre, você costuma__	Sempre ou quase sempre	De vez em Quando	Nunca ou quase nunca
a) ir ao teatro			
b) assistir shows musicais e/ou concertos			
i) ler			
e) ver TV			
c) sair para dançar			

Relação entre prática de leitura e tempo livre do indivíduo.



Relação entre prática de leitura e tempo livre do indivíduo.

